

CIÊNCIA E MODERNIDADE: A PERSPECTIVA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Paulo Bassani

Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina

resumo

Pensar alguns elementos que fazem parte da dinâmica e dos processos existentes nos movimentos sociais dos anos 90 é um dos objetivos centrais do trabalho. A valorização dos componentes micro sociais, subjetivos e do senso comum, coloca às Ciências Sociais, um desafio instigante, de aproximar a reflexão teórica com o que ocorre no plano do cotidiano.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Ciência e Modernidade; Desafios teóricos; Senso comum.

Este trabalho procura repensar o espaço de uma ciência que dialogue com o senso comum. Uma ciência que procure dar conta dos processos em curso, não dos macro processos, mas dos micro, localizados e muitas vezes invisíveis que ocorrem no cotidiano.

Para tanto, tomo algumas noções e enunciados, construídos por um conjunto de autores preocupados em recolocar as Ciências Sociais no contexto contemporâneo. Sem a intenção de esgotar o assunto, aponto alguns desdobramentos, até então, colocados de uma forma periférica, quando no estudo dos movimentos sociais.

A ciência é um retrato do mundo novo. Não é apenas uma técnica, forma de poder, capacidade transformadora, uma inovação qualquer e, tampouco uma mera acumulação de conhecimentos.

A ciência é um produto da modernidade. Portanto um produto recente, novo. Até hoje não conhecemos todas as suas possibilidades e nem seus limites, e muito provavelmente esta será uma das questões para a qual não teremos respostas.

Durante algum tempo ela disputou espaço com a magia, as religiões, e toda a forma mística de entender e explicar o mundo. Porém, a partir do século XVIII e XIX, principalmente, passou a ser a própria magia e religião, ocupando a posição que estas detinham na Idade Média. Passou com suas teorias e métodos a explicar tudo, o passado, o presente e o futuro. Uma pretensão muito grande para algo tão jovem.

A ciência como forma integrada de conhecimento passou a produzir uma visão de mundo. Tudo o que existe, passou a ser visto e analisado pelos olhos da ciência. Fora dela nada poderia ser explicado; somente o consentimento científico é que algo passa a ter credibilidade e confiabilidade.

Desde aquele momento, a ciência tentou ser o elo central descobridor, explicativo e justificativo para as transformações que ocorriam na natureza e na natureza humana. Uma era do capital e sua ação transformadora do mundo, onde tudo, ou quase tudo, parece ter a sua cara.

Esse novo empreendimento, implementado pelo avanço civilizatório, difere-se dos anteriores, por impulsionar transformações, de uma forma jamais vista. Ocorrem transformações no campo infra-estrutural e super-estrutural. Com as máquinas, as técnicas, as energias, as formas de trabalho, os modos capitalista e socialista de produzir, encurtam-se as distâncias, quebram-se as fronteiras, redimensionam-se os espaços. O planeta já não é um território desconhecido, estranho; o planeta transforma-se na terra mãe, terra pátria. (Morin,1993)

Neste quadro, criam-se novas formas de viver, novos hábitos, costumes, valores, culturas, ideologias, formas de organizar a política e os Estados.

Esse empreendimento científico condicionou o homem a estabelecer uma nova relação entre o homem e a natureza, diferente da antiga relação onde Deus regia o homem e o homem explorava a natureza. Neste momento Deus passa a ser uma criação do homem, ou até mesmo deixa de existir. Neste sentido, o homem trilha caminhos novos, ocultos e

desconhecidos que poderão trazer ainda muitas surpresas.

Mas não foram estas, ao meu ver, as principais transformações ocorridas com o advento da ciência moderna. O homem transformou-se; individualizado não é mais o mesmo, uma nova forma de pensar paira no ar. O indivíduo sendo o principal personagem destas transformações, passou a ser um estranho para consigo mesmo e um estranho para com o outro (Martins, 1993). Ele descobre-se não idêntico a si mesmo, pois vários de si o compõem. Este apresenta-se variável no tempo e no espaço em que se contextualiza. Se no passado esta questão não o intrigava, na modernidade se tornou uma questão perplexa.

As modificações ocorridas na dimensão externa desafiam a ciência a conhecer as modificações da dimensão interna, subjetiva, os sentidos e os desejos do homem. Descobriu-se que as maneiras de pensar são tão variadas, quanto as maneiras de perceber e sentir. A forma como os indivíduos pensam, foi até bem pouco tempo, vista e analisada como inseparável do conjunto das condições de existência material. Constatou-se, no entanto, que os indivíduos constroem suas idéias, pensamentos também por outras condições que não as materiais. Estas condições podem ser culturais, morais, éticas, religiosas, psicológicas, permitindo identificar o modo de ser e de pensar separado das suas relações de trabalho e condições infra-estruturais.

Conhecer quem somos? O que pensamos? Porque e como agimos? Quais os nossos desejos? Isto tudo e outras questões mais encontram na modernidade uma série de novos caminhos teóricos e metodológicos. Ingressamos numa trilha sem volta, onde aos poucos caem as metodologias fechadas e as preposições científicas acabadas.

A modernidade trouxe consigo uma qualidade de novos elementos que determinam outros e novos modos de condicionamento psico-sociológicos do indivíduo. As conseqüências da existência são modificadas e modificantes. Estranho, o indivíduo, pode ser comparado ao mito do lobisomem, que vive a eterna estranheza do seu ser e não ser.

A modernidade nos tornou seres dependentes; todos os momentos da vida encontram-se penetrados pela filosofia da modernidade, uma filosofia que liberta e que escraviza, que traz um novo sopro e ao mesmo tempo que sufoca.

“Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e freqüentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para o seu mundo transformando em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e de aventura, aterrorizado pelo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz.” (Berman, 1986: 13-14)

Subjugado ao ímpeto modernizante, aumentam os riscos, desafios, desejos, tensão, medo (Giddens, 1991). Tudo lhe é desconhecido, tudo lhe é estranho. Caminhar no ritmo da modernidade exige do indivíduo coragem e conhecimento. Como afirma Berman (1986:15):

“Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.”

O indivíduo ao modificar o seu meio, modifica-se a si próprio e se lança a novos desafios, e as possibilidades parecem infinitas. Não há mais barreiras e nem pré-conceitos, que impeçam de avançar; nem apenas um terreno ser percorrido. Não há um caminho, há caminhos, possibilidades, tentativas. Teimo em dizer que a vida é uma eterna tentativa de conhecer-se, de conhecer ao outro, de amar, de sonhar, de viver. Por isso é que somos estranhos aos outros e a nós mesmos, e é por isso que tentamos e que buscamos romper os limites do medo e do desconhecido.

Na trajetória da modernidade, construiu-se um conhecimento fragmentado, colidem campos de saber que cada vez mais sabem de menos coisas. Muitas vezes descontextualizadas, desligadas do indivíduo como produto e produtor do conhecimento.

Hoje, em contrapartida, atentados por este atomismo cientificista, pesquisadores e estudiosos das ciências sociais em geral, começam a repensar esta questão, a soldar fragmentos, a encontrar o "elo perdido". Não obstante, os processos globalizantes em curso, instigam o pesquisador a caminhar na trilha do reencontro do conhecimento, conduz suas ferramentas de pesquisa e análise para o campo de fronteira da sociologia, antropologia, política, economia, história, geografia, filosofia, psicanálise, entre outras; é neste espaço onde se travam novas batalhas nas questões entre a objetividade, subjetividade, quantidade e qualidade, indivíduo, emoções, desejos, territórios, cidadania, movimentos sociais.

Novas frentes teóricas surgem de todos os lados tentando acertar num alvo escolhido predileto, o indivíduo, gerado e gerador da modernidade. As pesquisas enredam no caminho do que é comum e do que é diverso, o que une e o que divide, do homogêneo, do interior e da exterioridade.

Berman (1986:330) vai mais longe e diz:

“... a modernidade sempre sobreviveu em meio a problemas, em uma atmosfera de “incerteza e agitação constantes” em que, como diz o Manifesto Comunista, “todas as relações fixas e congeladas são suprimidas.” Em tal ambiente, a cultura do modernismo continuará a desenvolver novas visões e expressões de vida, pois as mesmas tendências econômicas e sociais que incessantemente transformam o mundo que nos rodeia, tanto para o bem quanto para o mal, também transformam as vidas interiores dos homens e das mulheres que ocupam este mundo e fazem caminhar. O processo de modernização, ao mesmo tempo que nos explora e nos atormenta, nos impele a apreender e enfrentar o mundo que a modernização constrói e a lutar por torná-lo nosso mundo.”

No contexto das novas linhas de pesquisa ouçamos o que Paoli (1987:55) propõe:

“descobriu-se que os indivíduos e os espaços da vida social, podem ser estudados, observados, analisados e interpretados sem a sua relação com os partidos políticos, sindicatos, associações civis ou o Estado.”

Desvendar, decifrar, decodificar as novas dimensões da realidade, recolocando o indivíduo, este foi a meu ver o grande passo teórico-metodológico dado nos últimos anos. Prossegue a autora,

“trata-se, na verdade, de uma redescoberta das diferenças inter e intra-classes sociais no Brasil, diferenças estas que não são mais pensadas a partir de um paradigma unitário.” (p.55)

Dentre as construções paradigmáticas novas que emergem, ganham maior destaque, as tentativas que aprofundam os estudos da subjetividade, colocando referências ao indivíduo e sua individualidade. Distinguimos, aqui, individualidade do individualismo, onde o primeiro diz respeito as características interiores de cada indivíduo, suas particularidades, seus desejos, sua forma interna de ser. Ao passo que o segundo diz respeito ao isolamento na pluralidade social onde os agenciadores, a massmídea, contêm canais e formas massificantes e alienantes. Por outro lado, uma frente de estudos que tenta resgatar as experiências vividas no interior das relações sociais, pequenos grupos, comunidades, movimentos sociais. Pesquisas que versam conhecer o cotidiano dos indivíduos em suas práticas sociais, tanto pelo que fazem como, e principalmente, pelo que dizem.

Diante deste quadro, colocam-se a seguintes questões: Que caminhos apontam a trilha desta ciência? Que modernidade está sendo construída? Qual a possibilidade deste momento que estamos vivendo, propiciar um maior espaço para o indivíduo desenvolver a sua subjetividade? Os novos movimentos oriundos da

modernidade terão fôlego suficiente para enfrentar os desafios que o momento exige? As Ciências Sociais apresentarão novos instrumentos teórico-metodológicos pertinentes para apreender o novo? Estas questões nortearão a parte seguinte deste estudo.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Desde o início dos anos 80, quando tive os primeiros contatos com o estudo, pesquisa e observação dos movimentos sociais, muitas questões instigaram minha perspectiva de ação e análise. Foram tantas as questões que emergiram a partir daquele momento, que posso afirmar que tinha maior precisão em saber o que não queria e muito pouco ou quase nada do que poderia compreender. Como pesquisar um movimento social? Que instrumentos metodológicos eram mais pertinentes para serem utilizados? Como estabelecer um diálogo permanente com os sujeitos entrevistados e observados, onde se possa, ao mesmo tempo, ensinar e aprender? Como não ser impositivo e autoritário no discurso e na prática de assessoria? Que caminhos e novos movimentos emergiam do contexto em questão? O que esperar, o que propor, e para onde isso tudo nos leva?

Para atravessarmos este mar de questões, vejamos algumas contribuições de um pequeno número de autores. São idéias, pistas e algumas noções que apontam possíveis trilhas dos novos movimentos sociais.

Inicialmente, vejamos o alerta de Grzybowski (1987:12) “A relatividade da análise social reside no fato de fixar o que se move. Esta parece ser a sina de quem pesquisa”. Podemos entender, segundo o autor, que para quem investiga, um dos grandes desafios a ser superado é o descompasso entre o movimento social como prática, e a análise como reflexão. É preciso ter em conta que as realidades sócio-econômicas, políticas e culturais mudaram muito. O capital e o conjunto de trabalhadores criaram outras e novas formas de relação. Depois de duas décadas, anos 70 e 80, de “*experimentação social*” (Souza Santos, 1995), as velhas teorias, teorias que buscaram renovar-se não suportam e nem dão conta, em seus esquemas, das explicações do novo e dos ‘novos movimentos sociais’.

Pode-se dizer, com maior segurança, que a classe operária já não é mais a mesma e nem apresenta-se como a única responsável pelo movimento articulador das transformações sociais. Marx, no século passado, previu e apostou na organização e vitória do proletariado em muitos países e o que observamos, um século depois, foi existir uma resistência, uma reorganização e um novo ímpeto do capital.

A possibilidade da revolução estrutural, visualizada e difundida no passado, no presente passa a ser vista pelos novos movimentos sociais, como uma “revolução do cotidiano” (Scherer, 1994). As questões de ordem micro, antes desconsideradas, voltam com grande peso no sentido de revalorizar o indivíduo, os seus valores culturais, sua subjetividade, seus desejos. Isto exige, de quem pesquisa, um novo olhar, um esforço maior para incorporar, em suas

análises, esses elementos são importantes para apreender o contexto da modernidade.

Os movimentos e lutas, mesmo deslocados no campo e nas cidades, na indústria e na agricultura, ecológicos, de gênero, raciais, e de minorias, já não expressam apenas a dimensão de seu espaço; apesar de existirem movimentos e lutas circunstanciais ao seu tempo e espaço, a dimensão é global.

Entretanto, apesar de existir essa dimensão globalizante como força maior, ainda perduram elementos e características particulares, presentes nos inúmeros palcos onde se desenrolam as cenas sociais.

Personagens e enredos ocorrem em momentos diferenciados, expressando em determinadas ocasiões situações muito particulares. O que se observa é que o palco é móvel e giratório, desloca-se rapidamente. As cenas, atos e os atores, fazem parte de uma peça heterogênea onde cada um pode ser apreendido e analisado separadamente. O todo não explica tudo e a parte nem sempre explica o todo. Cada componente apresenta um conjunto de informações ricas e inovadoras para a análise.

O que se depreende é que o pensar científico se encontra diante de enormes mutações e desafios. Pensar analiticamente os movimentos sociais do final do século, e virada do milênio, é pensar a complexidade do “novo” e do “velho”, do “profano” e do “místico”, do moderno e do pós-moderno. Incorporar, nas análises, a diversidade, o fragmento, recolocar a liberdade e a cidadania no centro das reflexões, construir, por caminhos possíveis, a democracia esquecida, resgatando a possibilidade de sonhar uma vida numa Terra Pátria (Morin, 1993), sem fronteiras respeitando as possibilidades e oportunidades de todos.

Cruzamos, na história, um momento onde nossa velha bússola rompeu-se, a navegação tornou-se algo arriscado. Face a tal situação é oportuno tentar construir novos instrumentos por onde navegue a ciência, abrindo novos caminhos, novas direções e novas dimensões. A tentativa caminha no sentido de erguer mastros com bandeiras que permitam conhecer terrenos desconhecidos e muitos ainda em construção. Para tanto, como dizia o poeta, é preciso navegar por mares não dantes navegados.

A imaginação sociológica, neste contexto, trilha rota de rompimento dos esquemas fechados, tradicionais, ortodoxos. Cultivar uma imaginação voltada, atenta e alerta para as portas que se abrem do senso comum e da realidade emergente, constitui-se num dado qualitativo fundamental.

A história recente vem demonstrando que as conquistas dos trabalhadores e as consolidações das organizações sindicais pouco garantem. Os processos de luta e enfrentamento são cotidianos, e as estratégias e táticas são criadas, tanto de um lado quanto de outro. Em se tratando de homem, natureza e espírito, tudo é processo, nada é estático, tudo é movimento.

Os movimentos e as lutas sociais serão mais ou menos compatíveis, dependendo da capacidade inventiva e criadora dos personagens em cena. Como lembra Grzybowski (1987:13)

“A importância do enfoque reside no fato de recuperar a oposição com dimensão fundamental e construtiva dos movimentos. Eles são vistos, assim, a partir da relação dialética, do conflito, da luta entre as classes, frações de classe e o estado, não somente uma relação “para fora”, mas como relação definidora de sua interioridade, da sua especificidade. A análise passa a ser conduzida pelas contradições, pelo modo como são vividas e enfrentadas, no processo não linear, mas marcado por desencontros, avanços e recuos.”

Dois aspectos levantados pelo autor chamam atenção. O primeiro versa sobre a relação da interioridade dos movimentos sociais e o segundo, sobre o processo não-linear que se desenvolvem.

Pensar na interioridade dos movimentos nos remete a pensar na interioridade do indivíduo. Todos os indivíduos possuem valores, expectativas, sonhos, medos, desejos, que exercem um peso fundamental no processo coletivo e nas decisões dos movimentos sociais. Estes elementos muitas vezes une, outras divide. As experiências percebidas nem sempre expressam as experiências vividas (Thompson, 1989); os homens e as mulheres experimentam no seu cotidiano, formas de ser, de comportar-se, de sentir, de expressar, e isto, ambigualmente, resulta numa prática que em certos momentos une e, em outros, divide.

O segundo aspecto que o autor levanta, afirma que o processo não é linear, porém marcado por desencontros, avanços e recuos. É preciso relevar que, hoje, as conquistas, não se efetivam apenas com ganhos “visíveis”, os elementos invisíveis podem significar conquistas importantes para os trabalhadores. O processo nem sempre representa uma continuidade de “ganhos políticos”. Uma parte dos ganhos podem ser objetivos, palpáveis, perceptíveis, outros nem sempre são percebidos. As perdas e as derrotas também ensinam. A descontinuidade dos passos não representa a perda do caminho, representa muito mais, que o ritmo e as estratégias diferem da idéia de conquista “acabada e pronta”. A aprendizagem das experiências cotidianas compõem uma grande arquivo coletivo, onde formam-se os catálogos populares que deles retiram seus traços mais importantes. Como lembra Thompson (1989) “*não existe causas perdidas na história, e o que parece secundário, numa dada conjuntura, pode revelar-se decisivo em outras.*”

Em todos os movimentos, existem os registros de altos e baixos, momentos de tensão e de paixão, de descrença e de esperança, de razão e de emoção, de choro e de riso, componentes articuladores dos processos em curso, difícil de serem controlados e complexos de serem analisados.

Na soma, os elementos subjetivos e objetivos, compõem o novo tecido das relações e, novos componentes para a análise. O tecido de relações que emerge nos anos 90, coloca quem pesquisa diante de um dilema, qual seja: aceitar os princípios explicativos do passado, ajustando a realidade aos conceitos preestabelecidos; ou tentar construir novos roteiros, novos ‘mapas para a festa’ (Maduro, 1994), onde as dificuldades e desafios serão muito maiores. A característica

desta festa é de que o banquete será farto. Estaremos diante de novos sabores, novos temperos, novos preparos, que darão nova cor e brilho ao alimento.

UMA NOVA DIMENSÃO PARA OS MOVIMENTOS SOCIAIS – O CASO DO PINHEIRO

Nas inúmeras idas a campo pelo interior do Paraná, tentando identificar quem são como vivem e o que pensam os trabalhadores rurais que perderam suas terras, ou o contato direto com ela nos últimos anos, deparei-me com um fato inusitado que modificou intensamente minha forma de pesquisar.

Estava no interior do município de Londrina, distrito de Guaravera, junto a um pequeno Núcleo de Assalariados Rurais Temporários, que permanecem num dilema: por um lado, lutar para reconquistar a terra junto ao Movimento dos Sem Terra e, por outro, lutar para sobreviver como volante, também conhecido como Bóia-Fria. Esta situação, junto a este Núcleo, remonta do início dos anos 90.

Durante as entrevistas, filmagens e fotos, constatei que muitos deles se referiam a um local de encontro, sob uma árvore onde se reuniam no final das tardes para conversar.

Constatei algo que conviviam já algum tempo, e que a princípio, não era tema de minhas preocupações. Uma grande árvore, bem ao lado da maioria dos barracos, na verdade uma araucária, também conhecida como Pinheiro, legítimo representante das terras do Paraná.

Aquele Pinheiro era o único, numa área visível ao redor. Uma árvore com idade de pelo menos 35 anos, uma altura de aproximadamente 15 metros e um caule robusto.

Com maior atenção, observei o significado, que este representante da natureza tinha para aquelas pessoas. Lá se encontravam crianças para brincar sob sua sombra, nas manhãs e tardes, lá adultos reuniam-se nos finais de tarde. Sob a sombra e o aconchego do Pinheiro, os moradores daquele Núcleo se encontravam, partilhavam seus problemas, seus sonhos, seus desejos.

É debaixo do Pinheiro onde tudo começa, um espaço real, e ao mesmo tempo místico pois, sabendo ser essa gente muito religiosa, lá também faziam suas orações. Partilhar do aconchego do Pinheiro, significa pisar ao seu redor, rodeá-lo sentindo-se um pouco natureza e a natureza um pouco humana.

Mas havia um detalhe nisso tudo. O Pinheiro encontrava-se na divisa de uma propriedade, de um fazendeiro da região, que lá cultivava canola, cereal utilizado na fabricação de óleo comestível e, segundo ele, o Pinheiro era seu.

Ao perceber que os Bóias-Frias pisavam na sua plantação, quando reuniam-se sob o Pinheiro, resolveu acabar com isso, mandou cortá-lo. Os Bóias-Frias organizados não permitiram. Rodearam o Pinheiro num abraço coletivo e lá

permaneceram até que os lenhadores do fazendeiro batessem em retirada.

Não satisfeito com essa investida vencida, o fazendeiro ordenou a alguns de seus capangas, que agissem na calada da noite; ao invés de derrubar a árvore, que faria muito barulho e provocaria uma revolta maior entre os trabalhadores, aconselhou que utilizassem um outro método. Pregar no caule da árvore, alguns longos pregos enferrujados. Esta seria uma estratégia sutil, silenciosa e que acabaria com o Pinheiro lentamente. Soube, que pregos com ferrugem, ao contato com a seiva da árvore faz com que ela sofra e seque lentamente até não resistir mais.

Felizmente esse novo intento não obteve sucesso. Uma criança, no dia seguinte brincava juntamente com outras ao redor da árvore, encontrou um punhado de pregos enferrujados, deixados pelos capangas na noite anterior. Mostrando ao seu pai o achado, e este perguntando onde havia encontrado, ela prontamente respondeu: debaixo do Pinheiro. O pai desconfiado do fato inusitado, ao se aproximar da árvore percebeu esta estar crivada por estes pregos. Imediatamente mobilizou outros homens que iniciaram uma dura tarefa; tentar arrancá-los. Foram horas de trabalho pois, além de procurarem não machucar a árvore já sofrida, não contavam com equipamento adequado. Conseguiram um pouco depois, um pé-de-cabra, junto a um pedreiro amigo no centro da vila. Após muitas tentativas, retiraram todos os pregos, criminosamente introduzidos na árvore, e festejaram isso.

Para o proprietário da terra e do Pinheiro, o fato se caracterizava como um invasão de propriedade, onde teriam sido feridos os seus direitos de proprietário, enquanto que, para os Bóias-Frias, o fato representaria uma questão de dignidade para com a natureza e a vida.

É pertinente observar que o Pinheiro é o mesmo, porém a forma de sentir, representar e desejar foram diversas. Para os trabalhadores do Núcleo dos Sem Terra, que eram como se chamavam, o Pinheiro representa o desejo do encontro, da vida, dos sonhos, das utopias. Para o fazendeiro, era a propriedade privada que estava em jogo. Para o Núcleo de trabalhadores e seus familiares, o Pinheiro representa o espaço onde se desenvolve a sociabilidade e momentos importantes de suas vidas.

Neste contexto de conflito, é importante frisar que o Pinheiro existia muito antes dessa gente lá chegar, tanto fazendeiro, quanto Bóias-Frias, porém foi incorporado de sentido diverso para ambos. Para o primeiro era apenas mais uma árvore, enquanto que para os trabalhadores era uma parte viva da natureza fazendo parte daquela pequeno Núcleo.

De qualquer forma o espaço, o território que defendiam iria muito mais distante que a sombra do Pinheiro poderia alcançar. É um território do direito de cidadania, de um espaço de sociabilidade. Por território podemos entender como um espaço pessoal e social, onde Guattari(1993:323), melhor define:

“O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nas quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.”

A territorialidade regula a densidade dos seres vivos, ou seja a distância ideal entre os seus componentes individuais para as diversas manifestações da vida em comum.

De qualquer maneira, o território que estes trabalhadores defendiam, ultrapassava as barreiras geográficas do Pinheiro. Questionavam as fronteiras invisíveis, políticas, da pobreza, do abandono, da exclusão que coloca estes personagens como “gente de segunda classe”.

Todavia, esta forma de organização, que emergiu deste episódio, contribuiu para o desenvolvimento de uma nova sociabilidade política no seio daquele Núcleo de trabalhadores. Como lembra Grzybowski (1987: 59):

“enquanto espaços de socialização política, os movimentos permitem aos trabalhadores, em primeiro lugar, o aprendizado prático de como se unir, organizar, participar, negociar e lutar; em segundo lugar, a elaboração de uma identidade social, a consciência de seus interesses, direitos e reivindicações; finalmente, a apreensão crítica de seu mundo de sua práticas e representações sociais e culturais.”

A solidariedade coletiva que se constrói no processo de defesa do Pinheiro, tornou-se um forte elemento para estabelecer um novo projeto de vida para estes trabalhadores, um projeto de lutas constantes que não nega os seus direitos e, seu espaço numa sociedade que os exclui cada vez mais.

Este breve relato, ajuda a pensar as novas dimensões que apontam os movimentos e organizações sociais, em espaços e territórios dispersos pelo interior de nosso país, constituído por trabalhadores valentes e criativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GIDDENS, Antony. As Conseqüências da Modernidade. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
2. GRZYBOWSKI, Cândido. Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo. Rio de Janeiro: Vozes/FASE, 1987.
3. GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. Micro Política: Cartografias do Desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
4. MADURO, Otto. Mapas para a festa: Reflexões Latino americanas sobre a crise do conhecimento. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
5. MORIN, Edgar. Terra Pátria. Porto Alegre: Globo, 1994.
6. BERMAN, Marshall. Todo o que é sólido se desmancha no ar: A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.
7. PAOLI, Maria Célia. Os trabalhadores Urbanos na Fala dos Outros. In: LOPES, José Sérgio Leite (org). Cultura & Identidade Operária: Aspectos da cultura da classe trabalhadora. São Paulo: Marco Zero, 1987.
8. SANTOS, Boaventura de Souza. Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.
9. SCHERER WARREN, Ilse. Redes de Movimentos Sociais. São Paulo: Loyola, 1993.
10. THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operária Inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.